



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 13**

Memórias e História da Agroecologia



## **Tecendo projetos políticos: a trajetória da Articulação Nacional de Agroecologia**

*Weaving political projects: the trajectory of the National Agroecology Articulation*

BENSADON, Ligia Scarpa

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ),  
ligia.bensadon@ifrj.edu.br

**Tema gerador:** Memórias e História da Agroecologia

### **Resumo**

A pesquisa buscou compreender a formação e organização política da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), entendida como uma rede com heterogêneos vínculos e atores sociais, criada em 2002 para promover formulações de políticas e intercâmbios entre organizações que atuam com a agroecologia. O fio condutor da pesquisa seguiu a trajetória histórica da ANA para entender de que maneira promoveu a agroecologia enquanto um problema público reconhecido e se expressou como uma rede social, tanto para fazer convergir posicionamentos e ações, quanto para se opor ao agronegócio e disputar políticas públicas. Como instrumentos metodológicos, realizamos entrevistas semiestruturadas, participação em eventos e análise de documentos diversos. A ação em rede, mesmo no esforço da horizontalidade, expressou concentrações, controvérsias e dinâmicas de envolvimento diversas. A ANA como parte do movimento agroecológico impulsionou o significado político da agroecologia como um *frame*, mobilizando atores, ações e propostas de uma nova utopia.

**Palavras-chave:** movimentos sociais; redes sociais; problema público; frame; atores sociais.

### **Abstract**

The research sought to understand the formation and political organization of the National Articulation of Agroecology (ANA), understood as a network with heterogeneous connections and social actors, established in 2002 to promote policy formulation and exchanges between organizations working with agroecology. We followed ANA's trajectory to understand how the association promoted agroecology as a recognized public problem and represented itself as a social network, both for converging approaches and actions, and to oppose the agribusiness and to dispute public policies. As methodological tools, we conducted semi-structured interviews, participation in events and analysis of various documents. The action as a network, even in a horizontal effort, revealed concentrations, controversies and dynamics with different degrees of involvement. ANA as part of the agroecological movement has boosted the political significance of agroecology as a frame, mobilized the actors to a public problem and to network shares with proposals for a new utopia.

**Keywords:** social movements; social networks; public problem; frame; social actors.

### **Introdução**

A presente pesquisa se insere no tema gerador histórias e memória da agroecologia na medida em que a análise da trajetória da ANA incluiu um amplo acesso ao histórico sobre a construção da agroecologia no país, a partir do olhar de diversos dos seus



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**



atores sociais. O objetivo da pesquisa foi entender como a ANA se construiu como um ator coletivo e uma rede, e ainda, como trouxe a agroecologia enquanto um problema público e um *frame*<sup>1</sup> (BENSADON, 2016).

Esta pesquisa dialogou com a análise dos movimentos sociais para entender as heterogeneidades da ANA como um ator coletivo, as energias empreendidas para manter sua unidade em torno da agroecologia, motivadas pelas críticas e injustiças promovidas desde a modernização agrícola. Essa formação envolveu um campo de oposições, em especial frente ao agronegócio, propondo alternativas, bem como um conjunto de bandeiras e temáticas articuladas à agroecologia, enquanto uma proposta de vida em sociedade, em discursos consensuados entre seus integrantes (MELUCCI, 2001).

A categoria movimentos sociais, enquanto lente de análise para a prática social pesquisada, contribuiu para refletir como ocorreu a criação e manutenção da ANA, na medida do possível decompondo seus elementos de ação coletiva, para entender como se formou esse “nós”. O processo de avaliação e reconhecimento de identificação coletiva entre organizações se colocou desde o começo e também se refez em percepções interativas e negociadas das oportunidades e vínculos de ação. A unidade desse ator coletivo não é algo dado, mas resultado do intercâmbio, da negociação, das decisões e dos conflitos.

## **Materiais e métodos**

A pesquisa utilizou dados primários como entrevistas com diversas lideranças nacionais envolvidas com o movimento agroecológico, acesso a documentos da ANA e participação em suas reuniões e encontros nacionais. Esses materiais foram analisados a partir de uma abordagem relacional e reflexiva entre conceitos e evidências.

## **Resultados e discussão**

O aparecimento da agroecologia partiu da construção das alternativas à Revolução Verde, e a sua elaboração se relacionou com a construção de um *frame*, na medida em que formulou críticas, diagnósticos, procura de soluções e mobilização para a ação coletiva (BENFORD e SNOW, 2000). Resignificou conhecimentos populares e científicos, dando sentido e significado cognitivo para uma ação política. A ANA, como um ator coletivo organizado em rede, atuou diretamente para produzir estes consensos,

---

<sup>1</sup> Para a pesquisa utilizamos o termo *frame* em inglês devido à limitação na tradução do seu sentido para o português, como a noção de enquadramento. Seu entendimento está descrito ao longo do texto.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**



articular, manter e difundir este novo *frame*, ou seja, anuncia, formula, negocia e constrói os contornos da agroecologia enquanto um problema público, tornando-se um dos seus porta-vozes.

A difusão da agroecologia foi antecedida pela construção da agricultura alternativa, em especial na década de 1980, enquanto uma identificação simbólica entre causas, consequências e levantamento de soluções à modernização da agricultura. Isso foi impulsionado pela interação entre elementos diversos como: as lutas sociais pela redemocratização do país, a crise do sistema convencional de produção, com contaminação, endividamento e resistência dos agricultores, além do crescimento da preocupação ambiental na interação entre as escalas internacionais e locais. A formulação inicial dessa crítica e proposição teve o protagonismo de intelectuais e agrônomos, em espaços como os Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAAs) e o Projeto de Tecnologias Alternativas ligado à Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional (PTA/Fase).

Já no final da década de 1980 a noção de agroecologia emerge a partir de conexões internacionais de assessores e ONGs brasileiras, ampliando o campo discursivo para a área científica, a dimensão cultural e ambiental, e se articula com os processos históricos das lutas no campo e da agricultura alternativa. As organizações de movimentos sociais foram incorporando a noção da agroecologia em tempos seguintes, fruto de interações, renovações discursivas, embate com o agronegócio, efeito dos agrotóxicos e das suas próprias experiências produtivas.

Nos anos 2000, já com a noção incorporada por atores sociais diversos, promoveu-se o I Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) em 2002. O encontro e mobilização de atores distintos, como entre assessores, militantes e agricultores, potencializou um novo quadro de lutas desde a negação da modernização agrícola e dos conflitos fundiários, ampliando as redes e a proposta política, o que contribuiu no processo de formação de uma vontade coletiva, culminando na criação da ANA no mesmo ano.

Desde seu início, a ANA expressou-se como formuladora de políticas, o que expressou uma interface socioestatal, em relações com o Estado fora dos espaços formais entre Estado e sociedade civil (ALMEIDA et al., 2014). Essa relação incluiu as tensões entre autonomia e integração com os governos federais sob gestão do Partido dos Trabalhadores (PT) e, de outro lado, isso também favoreceu a articulação do campo agroecológico, o acesso às políticas públicas e uma maior capacidade de difusão da agroecologia enquanto problema público.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**



Na sua trajetória, a ANA inicialmente procurou ser um espaço de encontro e troca entre atores políticos, e foi de modo crescente se legitimando como ator político, com poder de coesão no campo agroecológico, representando uma força política. Isso em especial a partir da sua maior interlocução com as políticas públicas e na mobilização dos ENAs seguintes (II em 2006 e III em 2014).

Ao longo do tempo, de uma articulação que partiu de assessores e ONGs, novos atores foram se identificando com a agroecologia e se integrando posteriormente à ANA, como organizações ligadas à reforma agrária, mulheres, quilombolas, economia solidária, soberania alimentar, saúde coletiva, justiça ambiental, entre outras, numa diversidade de temas, territórios, identidades e biomas. Nesse sentido, a ANA se mostrou como difusora da proposta agroecológica, selecionando novos aliados e temas que pudessem fortalecer seu objetivo, ampliando o alcance da rede social da agroecologia. A cada nova interface, a agroecologia também foi se ressignificando com o alcance de novos públicos e adesões identitárias, procurando pontes semânticas com traduções negociadas, expressando-se como uma rede de influência, modificando e ajustando esse *frame* de ação coletiva de acordo com o público alvo.

As reuniões da ANA mostraram um dos seus modos de ação e forma metodológica ao partir de análises e avaliações, a exemplo das conjunturas eleitorais, procurando influenciar as futuras gestões federais. As contradições percebidas junto aos governos federais forjou o caminho para a interlocução com outras organizações da sociedade civil, promovendo traduções e inteligibilidades recíprocas entre diversas organizações, partindo da crítica ao modelo de desenvolvimento dominante. Isso reformula a construção agroecológica que, se antes ancorava sua oposição com o agronegócio, passa então a evidenciar o conflito de forma mais ampla com o modelo capitalista de desenvolvimento.

Em todos os encontros nacionais, como os ENAs, procurou-se evidenciar a agroecologia através das suas experiências práticas pelos seus protagonistas, agricultoras e agricultores, que de modo crescente foram o principal público destes eventos. Buscaram então, num processo de mobilização e organização nacional, fornecer credibilidade empírica e maior aderência na construção deste *frame* (BENFORD e SNOW, 2000). Os documentos acessados da ANA expressaram o esforço do consenso e das posições coletivas, construindo para fora sua visão como ator coletivo. Buscaram na ciência, na comunicação e na mídia formas que legitimassem os seus discursos e interpretações de mundo, de forma que promovesse o reconhecimento público da agroecologia.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 13**

Memórias e História da Agroecologia



A partir das entrevistas abordamos com mais atenção os dilemas e confrontos existentes na articulação, dentre diferentes concepções, estratégias de ação, relações de poder e as interfaces na rede da ANA. As entrevistas mostraram posições dissonantes e as heterogeneidades, refletindo as posições sociais e institucionais. As conexões mais fortes ocorreram entre as ONGs que historicamente promoveram a pauta agroecológica, desde o PTA/Fase.

A noção de rede não remeteu apenas a expectativa de horizontalidade, mas envolveu diferenças no acesso a informações, recursos, circulação, linguagem e poder político. Isso se materializa em tensões entre posições sociais de técnicos e agricultores, e de ONGs e organizações de movimentos sociais. A especialização política das ONGs com a proposição e acolhimento da ANA gerou seu maior atrelamento na articulação: os atores não se dedicaram da mesma forma, nem com as mesmas condições. Isso por sua vez também expressou tensões entre representação e legitimidade no interior da ANA, mas não geraram rupturas, ainda que com envolvimento e engajamentos diferenciados, e permitiram o diálogo, o reconhecimento e a troca entre os atores.

Ao longo da pesquisa percebemos os elementos, vínculos e atores nas relações da ANA, que buscaram construir uma vontade coletiva. A abordagem dos movimentos sociais permitiu perceber que a construção deste ator coletivo não foi homogêneo, expressando ambiguidades e heterogeneidades; teve o agronegócio como seu principal opositor anunciado, na construção de um campo de conflitividade; aproveitou as oportunidades políticas e interfaces para aumentar seu poder político, a exemplo da construção de políticas públicas e da vinculação com organizações da sociedade civil. Os diversos elementos do contexto sociocultural interferiram neste *framing processes*, seja por constrangê-lo como o avanço da pauta do agronegócio com o apoio estatal, seja por facilitá-lo, como a oportunidade com a construção da Pnapo, a interferência nos períodos eleitorais e a maior ressonância desde as preocupações com a saúde e o meio ambiente na sociedade (BENFORD e SNOW, 2000).

Neste sentido, “os costumes e a revolta são tecidas a partir de uma mistura de fibras herdadas e inventadas nos *frames* de ação coletiva em confrontação com oponentes e elites” (TARROW, 2009, p. 118). De outro lado, a elasticidade e o amplo escopo dado ao *frame* agroecológico pode enfraquecer sua proposta e significado, ou mesmo banalizá-lo, recobrando extensas exigências dos atores no seu processo de contestação e pelas disputas e desagregações internas que lhes são características. Também porque as pontes geradas entre os atores que então se integraram à ANA, desde uma congruência com a agroecologia, envolveram universos distintos, inclusive com perspectivas políticas em tensão, mas que não causaram paralisações na sua capacidade



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**



de ação coletiva, ainda que com diferentes e fluidos envolvimento na ANA. Ao mesmo tempo, essa experiência pode se aproximar da construção de um *master frame* por ser genérico e flexível, acionado em diferentes situações e objetivos, buscando lograr ressonância no meio social.

## Conclusão

A ANA se colocou como formuladora e difusora da agroecologia, sem expressar descontinuidades entre os movimentos sociais e a política institucional. Articulou elementos de justiça, moralidade e respeito às diversidades sociais. A pluralidade de interpretações da agroecologia não importou tanto, quanto os arranjos políticos permitidos por essa bandeira política, alargando demandas sociais históricas por mudança social e permitindo a coesão na ANA, nos termos de uma influência política conjunta.

A noção de agroecologia foi o principal elemento de coesão entre atores diversos, sendo que a própria ANA atuou diretamente nesta elaboração. Buscou assim externalizar o *frame* da agroecologia como um problema público, desde mediadores como as representações políticas participantes da articulação, pela criação de meios próprios de comunicação e na realização de eventos nacionais, como os ENAs.

Por fim, nesta experiência a agroecologia se configurou como mito, aproximando-se dos efeitos sociais de uma utopia e de um sonho politicamente mobilizador, frente aos conflitos e interesses que se revestem do termo. Saída da realidade social, recria-se com ela, formando uma nova utopia (GIRARDET, 1987).

## Agradecimentos

Ao mestrado concluído em 2016 no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ), sob a orientação da professora Leonilde Servolo de Medeiros, tendo como um dos frutos a realização desse trabalho. E ainda, a bolsa de pesquisa durante o mestrado cedida pelo CNPq e Faperj.

## Referências Bibliográficas

ALMEIDA, L. S. COMERFORD, J. PALMEIRA, M. O mundo da participação e os movimentos sociais rurais: entre mobilizações, espaços de interlocução e gabinetes. In: **Movimentos sociais e esfera pública: o mundo da participação: burocracias, confrontos, aprendizados inesperados**. HEREDIA, B. M. e LOPES, J. S. L. (orgs.). Rio de Janeiro: CBAE, 2014, p. 67-88.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**



BENFORD, R. SNOW, D. Framing Processes and Social Movements: an overview and assessment. **Annu. Rev. Sociol.** University of North Carolina, 2000, p. 611-639.

BENSADON, L. Tecendo projetos políticos: a trajetória da Articulação Nacional de Agroecologia. Dissertação de Mestrado CPDA/UFRRJ, 2016, p. 1-168.

GIRARDET, R. **Mitos e Mitologias Políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 9-24.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 21-69.

TARROW, Sidney. **Poder em movimento: movimentos sociais e confronto político**. Petrópolis, Vozes, 2009, p. 27-45.